

Referencial de
Formação
Pedagógica
Contínua
de Formadores/as

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO
DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL



CENTRO NACIONAL DE QUALIFICAÇÃO DE FORMADORES



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, I.P.



FICHA TÉCNICA

Editor

Instituto do Emprego e Formação Profissional

Colecção

Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores/as

Autores

Duarte Vilar
Elisabete Souto

Título

A Educação Sexual no Contexto da Formação Profissional

Coordenação Técnica

Centro Nacional de Qualificação de Formadores

Direcção Editorial

Gabinete de Comunicação
Núcleo de Imagem e Marketing

Revisão

Laurinda Brandão

Design

SW – Comunicação e Marketing Estratégico, Lda.

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-989-638-012-0

Data de Edição

Junho/08



MISSÃO E COMPETÊNCIAS DO CNQF

O Centro Nacional de Qualificação de Formadores (CNQF) é uma unidade orgânica integrada no Departamento de Formação Profissional, de acordo com a Portaria n.º 637/2007, de 30 de Maio.

O CNQF tem por missão contribuir para a elevação da qualidade da formação profissional através da formação pedagógica dos principais agentes da formação, procurando introduzir factores de inovação nas estratégias e metodologias de intervenção dos formadores que possam conduzir a uma maior adequabilidade aos diversos públicos, natureza de conteúdos/competências e modalidades de formação.

Compete especificamente ao CNQF, nomeadamente:

- ▶ contribuir para a definição de uma estratégia nacional de formação de formadores e outros profissionais, em parceria com outras entidades responsáveis pela formação de formadores e de professores;
- ▶ conceber, produzir e disseminar referenciais de formação inicial e contínua de formadores e de outros profissionais que intervêm no sistema de educação e formação;
- ▶ promover a realização de um plano anual de formação de formadores, com incidência em temáticas, metodologias, linguagens e recursos considerados inovadores e suportados na utilização das tecnologias da informação e da comunicação;
- ▶ contribuir para a dinamização da concepção, produção e disseminação de recursos pedagógicos e didáticos, incluindo os utilizados na formação a distância, em diversos suportes, nomeadamente audiovisuais e multimédia.

Neste quadro, são concebidos, elaborados e experimentados os referenciais de formação dirigidos a formadores e a outros técnicos, os quais, após validação e constituição de uma bolsa de formadores devidamente preparados, são integrados na oferta formativa da rede de Centros de Formação Profissional do IEFP, I.P. para serem disponibilizados aos destinatários finais e às entidades formadoras que os solicitem.



APRESENTAÇÃO

Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores

A formação contínua de formadores visa promover a actualização, o aperfeiçoamento e a aquisição de novas competências pedagógicas, transferíveis para a sua prática como formadores, ao nível da animação da formação, e também no sentido alargado da sua função, na concepção e elaboração de programas de formação e de materiais pedagógicos, na gestão e coordenação de formação, no campo da investigação e da experimentação de novas abordagens e metodologias aplicadas a públicos e contextos diversificados e em várias modalidades de formação.

Por outro lado, as exigências requeridas para fins de renovação do Certificado de Aptidão Profissional (CAP) de Formador/competência pedagógica, no âmbito do Sistema Nacional de Certificação Profissional, designadamente a frequência de formação pedagógica relevante durante o período de validade do CAP, coloca como prioridade, para o Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P. (IEFP, I.P.) e outras entidades formadoras, o desenvolvimento e disponibilização de uma ampla oferta formativa de formação contínua dirigida a formadores.

O Centro Nacional de Qualificação de Formadores, no cumprimento das competências que lhe são cometidas, nomeadamente de concepção, produção, experimentação e disseminação de referenciais de formação, pretende e tem vindo a desenvolver uma estrutura modular de formação pedagógica contínua de formadores em torno de quatro grandes domínios:

- Sistemas de Educação, Formação e Certificação.
- Gestão da Formação.
- Tecnologias de Formação.
- Metodologias de Formação.

Esta estrutura integra diversos módulos/cursos autónomos, possibilitando assim que cada formador possa construir o percurso de formação contínua que melhor corresponda às suas necessidades específicas de formação. Os referenciais, depois de produzidos, são devidamente validados no âmbito do CNQF, através de uma acção-piloto de experimentação que envolve formadores de formadores da

rede de Centros de Formação Profissional do IEPF, I.P., após o que passam a integrar a oferta formativa dos mesmos.

Características Gerais dos Referenciais de Formação

Os referenciais de formação pedagógica contínua de formadores dizem respeito a temas relevantes da formação e correspondem a conjuntos de competências específicas, em função das quais se desenvolve o respectivo programa, metodologia pedagógica, planificação e avaliação. Os cursos respeitantes aos referenciais têm uma duração tendencial de 30 horas, podendo ser desenvolvidos em formação presencial ou em modelo misto (*blended learning*) com componente a distância. No sentido de introduzir novas perspectivas teórico-práticas e fazer uso das recentes investigações no domínio da formação, o CNQF tem procurado a colaboração de especialistas de reconhecida competência científica e técnica, do próprio IEPF, I.P., de Universidades e de outros organismos congéneres.

Metodologia de Desenvolvimento da Formação Respeitante aos Referenciais

Tratando-se de um público-alvo com formação pedagógica inicial e experiência profissional como formador, a metodologia pedagógica que se preconiza para o desenvolvimento da formação deve ser centrada na pessoa, nos conhecimentos que já detém e nas expectativas que coloca na formação. O apelo à participação activa e ao trabalho colaborativo entre participantes deve nortear a intervenção dos formadores de formadores. A reflexão sobre as respectivas práticas e a partilha das mesmas entre todos deve consciencializar os participantes para a necessidade de construção e dinamização de comunidades de práticas, de redes de formadores que partilham conhecimentos, modos de fazer e se entreejudam na procura de melhores soluções formativas. Cada referencial contém orien-

tações metodológicas específicas para desenvolvimento da formação, bem como propostas de dispositivos concretos de animação.

Avaliação das Aprendizagens no Âmbito dos Referenciais de Formação

A avaliação preconizada para aferir o grau de domínio das competências visadas pela formação, por parte dos participantes, no âmbito dos referenciais de formação pedagógica contínua de formadores, assenta na participação activa dos formandos, apelando à sua capacidade de reflexão e partilha, de auto e hetero-avaliação e co-responsabilizando-os pela monitorização dos seus progressos. Ao formador compete orientar os formandos, apoiando-os no seu processo formativo. No final da formação, o formador anotará, numa ficha de avaliação final, a sua opinião sobre cada participante no que respeita ao comportamento observado ao longo da formação e ao grau de domínio das competências visadas pela formação, mobilizadas para a realização de trabalhos de aplicação (actividades pedagógicas diversas realizadas, por cada participante, ao longo da formação). Cada referencial de formação produzido pelo CNQF integra uma proposta de dispositivo de avaliação das aprendizagens e a respectiva Ficha de Avaliação Final.

Classificação dos Resultados Obtidos pelos Participantes, a partir da Avaliação das Aprendizagens

Embora a avaliação preconizada, no âmbito da formação contínua, tenha um carácter eminentemente formativo, havendo necessidade de apurar um resultado da avaliação realizada em relação a cada participante sugere-se a adopção das seguintes escalas:



Com base nestas escalas, ou directamente na escala qualitativa, o formador vai reflectir, relativamente às competências definidas na Ficha de Avaliação Final constante em cada referencial, a sua opinião quanto ao domínio das mesmas, por cada participante, acabando por expressar, através da atribuição de uma nota, quantitativa e/ou qualitativa, a sua avaliação quanto ao desempenho global do formando na formação.

Certificação da Formação

No cumprimento do Decreto-Regulamentar n.º 35/2002, de 23 de Abril, aos participantes cuja avaliação permita concluir que atingiram os objectivos visados pela formação será emitido um Certificado de Formação Profissional, onde constará o respectivo resultado, expresso em menção qualitativa.

Formadores de Formadores

Os formadores de formadores, no âmbito da formação pedagógica contínua de formadores, devem possuir sólidos conhecimentos da temática que se propõem desenvolver e o domínio de metodologias activas, centradas no adulto em formação, promovendo a vivenciação e a apropriação de novas formas de fazer formação, mais consistentes do ponto de vista teórico, mais eficazes do ponto de vista prático e, também, mais securizantes e gratificantes para os vários intervenientes no processo formativo.

O CNQF tem desenvolvido a formação de formadores de formadores, nomeadamente no âmbito da experimentação e validação dos referenciais de formação que produz, e promoverá tantas outras acções quantas as necessárias para corresponder a solicitações que a rede de Centros de Formação Profissional do IEFP, I.P. ou outras entidades formadoras lhe possam dirigir.

Colaboração entre o CNQF, Outras Unidades Orgânicas do IEFP, I.P. e Entidades Externas

Para a concretização da criação, produção e disseminação dos referenciais de formação pedagógica contínua de formadores, que se pretende correspondam a reais necessidades de formação dos formadores e possam servir para uma real melhoria das competências destes profissionais, o CNQF considera indispensável a articulação profícua com outros serviços centrais, e com os serviços regionais e locais, designadamente os Centros de Formação Profissional e outras entidades.

Divulgação dos Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores

Os referenciais produzidos no âmbito do CNQF têm por finalidade permitir a criação de cursos de formação, na modalidade de formação pedagógica contínua de formadores, que integrem a oferta formativa da rede de Centros de Formação Profissional do IEFP, I.P. e de outros operadores nacionais de formação que os podem adoptar livremente. Para tal, são disponibilizados em suporte papel (edição do IEFP, I.P., colecção «Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores») e estão acessíveis no *site* do IEFP I.P., www.iefp.pt.

ÍNDICE

	PÁG.
GUIA DE DESENVOLVIMENTO	11
1. Enquadramento	13
2. Finalidades	15
3. Objectivo	16
4. Metodologia de Desenvolvimento	28
5. Planificação da Formação	29
6. Avaliação das Aprendizagens	31
7. Bibliografia	32
ROTEIRO DE ACTIVIDADES	35
FICHAS DE TRABALHO	47
DOCUMENTOS DE APOIO	57

The image features a stylized folder icon on a solid yellow background. The folder is represented by a light yellow rounded rectangle with a darker yellow shadow underneath. It has two white tabs: one at the top left and one at the top center. The text 'GUIA DE DESENVOLVIMENTO' is centered on the folder's surface in white, uppercase letters.

GUIA DE
DESENVOLVIMENTO



1. ENQUADRAMENTO

A sexualidade é uma das componentes essenciais do corpo, da vida e das relações interpessoais dos seres humanos. Por isso mesmo, é também uma das componentes do nosso crescimento, das nossas aprendizagens, ou seja, da nossa socialização.

A sexualidade sempre tem sido objecto de abordagens múltiplas do ponto de vista moral e filosófico, estético, literário e artístico. Mais recentemente a sexualidade passou a ser também um objecto de estudo científico e uma componente das políticas de saúde e da intervenção técnico-profissional.

Até há poucas décadas, na nossa cultura e sociedade portuguesas, a sexualidade era sobretudo ocultada – era um tabu sobre o qual não se falava – ou era apresentada de forma negativa, como uma componente perigosa da nossa condição e dos nossos comportamentos, do nosso crescimento e dos nossos destinos.

No entanto, o estudo científico da sexualidade que se foi realizando ao longo de todo o século xx, o desenvolvimento e prevalência de valores democráticos e humanísticos, sobretudo na segunda metade do mesmo, as profundas transformações na condição feminina e nos papéis de género e a revolução contraceptiva contribuíram para a emergência e afirmação de uma visão da sexualidade em que é essencialmente valorizada como uma componente positiva da nossa condição, ligada ao nosso bem-estar e realização pessoal, à nossa intimidade e também às nossas relações amorosas.

Contudo, apesar de vivermos numa sociedade mais permissiva em matéria de sexualidade, o acesso dos jovens a fontes de educação sexual é ainda insuficiente. Muitas famílias continuam a ter dificuldades acentuadas em abordar estas questões com os jovens e a informação veiculada pelos *media* é, por natureza, insuficiente, quando não confusa ou mitificada.

Em Portugal assumem ainda uma dimensão relevante problemas como a gravidez e a maternidade na adolescência ou a infecção por HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis e estes problemas têm por base, muitas

vezes, uma grande dose de iliteracia em questões básicas ligadas à sexualidade e à vida reprodutiva.

Segundo o testemunho de técnicos do IEFP, I.P., a gravidez precoce em adolescentes e jovens é, em particular, um problema que assume uma dimensão significativa nos jovens em formação profissional com implicações nos próprios objectivos da formação no desenvolvimento e preparação dos jovens para a transição para a vida adulta. É, por isso, hoje reconhecida a necessidade da importância da educação sexual em meio escolar e noutros contextos formais de aprendizagem. A Lei 3/84, de 24-03-1984, compromete o Estado português na promoção da educação sexual das crianças e jovens. Este envolvimento foi reafirmado pela Lei 120/99, de 11-08-1999, assim como na sua regulamentação através do DL 259/2000, de 17-10-2000. O Plano Nacional de Saúde contempla igualmente a necessidade de desenvolver estratégias de promoção da saúde sexual e reprodutiva nas populações jovens.

Tendo estes factores em consideração, em 1990 o IEFP, I.P. integrou a educação sexual nos currículos de formação profissional, contando para isso com a colaboração da APF na produção de um Programa de Educação Sexual e na realização de um curso de formação de formadores. No entanto, face aos actuais contextos da actividade formativa e tendo em conta as necessidades dos públicos inseridos na formação, designadamente dos jovens, entendeu-se ser pertinente proceder à elaboração de novos instrumentos de apoio à formação dos formadores em «educação sexual» de forma a reforçar o desenvolvimento de programas e actividades nesta temática em ordem à promoção de estilos de vida saudáveis.



2. FINALIDADES

Este referencial pretende contribuir para o desenvolvimento de actividades de educação sexual no contexto dos cursos e programas de formação profissional do IEFP, I.P.



3. OBJECTIVO

Pretende-se capacitar os formadores dos centros de formação profissional do IEFP, I.P. para a elaboração e desenvolvimento de programas de educação sexual em contexto de formação profissional.

3.1 Objectivos Específicos

Especificamente, esta acção de formação pretende:

- ▶ Clarificar o conceito de sexualidade e de educação sexual.
- ▶ Debater os diversos modelos existentes na promoção da educação sexual.
- ▶ Dar a conhecer a legislação portuguesa em matéria de educação sexual e os recursos existentes nesta área de intervenção.
- ▶ Clarificar o quadro ético e deontológico de actuação profissional em matéria de educação sexual.
- ▶ Dar a conhecer e debater os objectivos, principais conteúdos e a metodologia da educação sexual.
- ▶ Debater e conhecer os problemas em saúde sexual e reprodutiva e as necessidades em educação sexual nos jovens e adultos em formação profissional tendo em atenção as diferenças etárias e os papéis de género.
- ▶ Capacitar os formandos para conhecerem de forma rigorosa as necessidades actuais em educação sexual dos jovens e adultos em formação profissional.
- ▶ Capacitar e apoiar os agentes formativos para desenvolverem, de forma adequada, acções e programas de educação sexual dirigidos aos jovens e adultos em formação profissional.

Nestes moldes, passamos a desenvolver um conjunto de unidades de formação tendentes à prossecução destes objectivos.

UNIDADE I – A SEXUALIDADE HUMANA: CONCEITO, DIMENSÃO E EVOLUÇÃO AO LONGO DA VIDA

A primeira unidade visa :

- ▶ apresentar os participantes, o formador e o programa da acção;
- ▶ apresentar e debater o conceito de sexualidade humana nas suas diferentes componentes;
- ▶ clarificar e promover o debate e reflexão sobre os valores e atitudes face à sexualidade e debater a pertinência e características de um quadro ético e deontológico orientador das acções de educação sexual;
- ▶ saber descrever as características da sexualidade na adolescência e fase adulta.

Esta fase inicial da acção reveste-se de especial importância na medida em que é o primeiro contacto entre formador e formandos e, além dos aspectos mais formais do curso, é um momento privilegiado para conhecer as expectativas dos formandos e criar um espírito de equipa.

Dada a natureza íntima e algumas vezes polémica de alguns temas relacionados com a sexualidade humana e com a educação sexual, torna-se essencial promover um ambiente confortável para os formandos abordarem estes temas, sublinhando a pertinência e importância do tema na vida dos jovens em formação profissional e clarificando a importância da formação dos técnicos que com eles lidam diariamente. No primeiro dia é igualmente importante definir as normas de funcionamento da formação, a apresentação da equipa formadora e a metodologia que será utilizada em sala.

A clarificação do conceito de sexualidade nas suas diferentes componentes é uma condição essencial para a compreensão da necessidade, natureza e abrangência dos programas de educação sexual. Por isso ele será o primeiro tema a ser abordado, nas suas vertentes biológica, psicológica e social.

Por último, esta unidade abordará a evolução da sexualidade ao longo do ciclo de vida e, principalmente, as suas características na adolescência e na idade adulta.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
<p>Apresentar os participantes.</p> <p>Apresentar o programa da acção.</p> <p>Descrever as dimensões da sexualidade humana.</p> <p>Nomear as características da sexualidade dos jovens e adultos.</p>	<p>Apresentação.</p> <p>Objectivos e conteúdos da unidade.</p> <p>Conceito de sexualidade.</p> <p>A evolução da sexualidade ao longo do ciclo de vida.</p> <p>Necessidades em educação sexual dos adolescentes e jovens adultos.</p>	<p>Jogos de quebra-gelo.</p> <p>Exposição oral.</p> <p><i>Brainstorming.</i></p> <p>Debate em plenário.</p> <p>Jogo «O Carrocel» (Roteiro de Actividades 1).</p> <p>Trabalho em grupos.</p> <p>Debate em plenário.</p> <p>Documento de Apoio 1 «Conceito e dimensão da sexualidade: do nascimento à fase adulta».</p>	<p>6 horas</p>

UNIDADE II – EDUCAÇÃO SEXUAL: CONCEITO, MODELOS E ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

A educação sexual é um conceito complexo e frequentemente objecto de múltiplos entendimentos. Nesta unidade será discutido e clarificado o conceito de educação sexual formal enquanto conjunto de práticas profissionais estruturadas e intencionais, o qual se articula com outros espaços de aprendizagem sexual de tipo mais informal mas não menos importantes na formação da identidade sexual.

Outra questão essencial e prévia é a compreensão da dimensão moral ligada aos diversos temas que integram a sexualidade humana, da diversidade moral que é característica da sociedade contemporânea e das implicações éticas e deontológicas que tal diversidade acarreta no desempenho profissional em contextos de educação sexual.

Tendo em conta a dimensão presente na abordagem desta temática, importa clarificar e discutir um quadro ético que seja suficientemente claro, aberto e abrangente e baseado nos valores humanísticos, nomeadamente nos direitos humanos e nas aquisições no estudo científico da sexualidade humana que foi sendo realizado por diversas áreas do saber, desde a biologia e medicina até às ciências sociais e humanas. É importante também reflectir sobre as metodologias mais adequadas para a promoção do debate moral que deve obrigatoriamente integrar as acções de educação sexual e, também, sobre as regras deontológicas essenciais no desempenho dos formadores em educação sexual.

Por outro lado, na história da educação sexual têm surgido diversos modelos de intervenção que transportam diferentes finalidades, diferentes quadros morais e diferentes níveis de abrangência temática e que se integraram em diferentes contextos sociais e históricos. Nesta unidade serão apresentados estes diferentes modelos existentes, com ênfase na abordagem e explicação do modelo biográfico ou de desenvolvimento pessoal e social de educação sexual no qual se situam os autores deste referencial. Esta unidade abordará, finalmente, o actual enquadramento legal e normativo dos programas de educação sexual e, de forma mais geral, dos programas de saúde sexual e reprodutiva destinados aos

jovens, sendo igualmente apresentados alguns dos recursos existentes nesta área em termos de recursos pedagógicos, linhas de ajuda e serviços de atendimento.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
Clarificar o conceito de educação sexual.	Conceito de educação sexual.	Preenchimento do Questionário de Educação Sexual – Ficha de Trabalho 1. Trabalho em grupo. Apresentação dos trabalhos. Jogo de clarificação de valores – Barómetro de atitudes – (Roteiro de Actividades 1).	6 horas
Descrever valores e atitudes face à sexualidade.	Valores e atitudes face à sexualidade.	Exposição teórica.	
Descrever o quadro ético e deontológico orientador dos programas de educação sexual.	As bases para um quadro ético. Um quadro ético para a educação sexual.	Documento de Apoio 2 «A diversidade moral e a necessidade de um quadro ético e deontológico». Trabalho individual e trabalho em grupo.	
Identificar os objectivos da educação sexual.	Os objectivos da educação sexual.	Documento de Apoio 3 «Educação sexual: conceitos».	
Identificar os modelos de educação sexual.	Modelos de educação sexual.	Documento de Apoio 4 «Modelos de educação sexual».	
Conhecer o enquadramento legal da educação sexual em Portugal e dos recursos existentes.	Situação da educação sexual e dos programas em SSR para jovens em Portugal.	Exposição oral sobre a Legislação – Lei 3/84, Lei 120/99 e Decreto-Lei 259/2000, serviços e recursos em SSR. Documento de Apoio 5 «A educação sexual e a lei». Debate em plenário. Análise da legislação.	

UNIDADE III – SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Como é sabido, a vivência da sexualidade não está isenta de riscos a nível da saúde e a educação sexual constitui uma estratégia essencial de prevenção destes riscos e de promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Nesta unidade será, primeiramente, apresentado o conceito de saúde sexual e reprodutiva e discutidas as suas implicações nos programas de educação sexual. Serão abordados os problemas mais frequentes neste campo, nomeadamente os comportamentos sexuais de risco, a ocorrência de gravidezes não desejadas, o contágio de infecções sexualmente transmissíveis (IST). Neste contexto, é fundamental a abordagem de situações de risco mais frequentes, bem como dos principais instrumentos de prevenção, nomeadamente os métodos contraceptivos e ainda as infecções sexualmente transmissíveis.

Serão apresentadas diversas situações-tipo em saúde sexual e reprodutiva e discutidas abordagens e respostas adequadas a cada uma delas, bem como a necessidade de serem construídas as parcerias que permitam o encaminhamento dos jovens e adultos no contexto dos serviços de saúde.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
<p>Identificar as necessidades em saúde sexual e reprodutiva (SSR).</p> <p>Debater a abordagem dos comportamentos de risco.</p> <p>Compreender os diferentes níveis de intervenção profissional em SSR.</p> <p>Treinar a resposta em situações concretas, identificando os limites de intervenção e reconhecendo outros recursos existentes.</p>	<p>Conceito de SSR.</p> <p>Problemas em SSR.</p> <p>Os vários métodos contraceptivos.</p> <p>As infeções sexualmente transmissíveis (IST).</p> <p>Os diversos problemas ligados à saúde reprodutiva, nomeadamente a gravidez, a infertilidade e as doenças do sistema reprodutor.</p> <p>Os principais problemas e disfunções no desempenho sexual masculino e feminino.</p> <p>Os diferentes níveis de intervenção profissional ao nível das questões de SSR.</p> <p>Os recursos disponíveis em SSR.</p> <p>Treinar respostas a situações individuais em SSR.</p>	<p>Roteiro de Trabalho 3. Exposição oral.</p> <p>Trabalho em grupos.</p> <p>Brainstorming. Exposição.</p> <p>Vídeo sobre os métodos contraceptivos da APF (solicitar à APF – Centro de Recursos).</p> <p>Trabalho em grupos.</p> <p>Exposição.</p> <p>Trabalho em grupos.</p> <p>Exposição.</p> <p>Exposição.</p> <p>Role-play.</p> <p>Mala contraceptiva. Folhetos informativos da Associação para o Planeamento da Família (APF) e de outras instituições.</p> <p>Documento de Apoio 6 «Conceito de saúde sexual e reprodutiva – aspectos médicos».</p>	<p>12 horas</p>

UNIDADE IV – EDUCAÇÃO SEXUAL: CONTEÚDOS TEMÁTICOS E METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO

Nesta unidade serão apresentados os conteúdos gerais e também as técnicas que são mais utilizadas nos programas de educação sexual.

Tendo em conta que o objectivo desta unidade passa por capacitar os formandos para a elaboração e promoção de projectos de educação sexual a desenvolver nos Centros de Formação Profissional a que pertencem, este módulo abordará também a metodologia de projecto.

Áreas e temas de educação sexual

Os conteúdos de educação sexual que têm sido mais frequentemente propostos em diversos documentos orientadores são os seguintes:

- ▶ **O Corpo Sexuado**

Anatomia e fisiologia; concepção, gravidez e parto; genética; mudanças pubertárias; imagem corporal; o comportamento sexual humano.

- ▶ **Identidade e Sexualidade**

Auto-estima; género; sentimentos, gosto e decisões; a orientação sexual.

- ▶ **Sexualidade e Relações Interpessoais**

Os diversos tipos de relações: sexualidade e relações amorosas; assédio e violência sexual; abusos sexuais; competências relacionais; comunicação e sexualidade.

- ▶ **Sexualidade e Sociedade**

Papéis sexuais: as famílias; a sexualidade e a lei; a sexualidade na história e na cultura; a sexualidade na arte, na literatura e nos *mass media*; a linguagem; sexualidade e violência; o sexo comercial.

- ▶ **Saúde Sexual e Reprodutiva**

Contracepção; infecções sexualmente transmissíveis; interrupção voluntária da gravidez; dificuldades sexuais; legislação; recursos existentes; cultura de saúde.

No entanto, importa referir que, embora o conhecimento das características da sexualidade numa dada fase de desenvolvimento possa apontar algumas necessidades em educação sexual e, conseqüentemente, sugerir temas de educação

sexual diversos, o levantamento das necessidades em educação sexual de cada grupo concreto com que se trabalha deve ser o ponto de partida de todos os profissionais que pretendam desenvolver acções nesta temática.

De facto, a composição dos grupos em termos de género, das origens socioculturais, da idade, do grau de envolvimento em relações amorosas e sexuais são factores que geram diferentes problemas/necessidades em educação sexual, fazendo com que cada grupo e cada jovem sejam únicos.

A auscultação dos interesses dos jovens é, assim, um preceito imprescindível na estruturação de um programa de educação sexual. Esta unidade pretende exemplificar de que modo esta recolha poderá ser feita e que instrumentos estão ao alcance dos técnicos.

Técnicas em educação sexual

Em termos das técnicas em educação sexual mais utilizadas referimos:

- ▶ Trabalho de pesquisa.
- ▶ *Brainstorming* ou «tempestade de ideias».
- ▶ Resolução de problemas/debates.
- ▶ Estudo de casos.
- ▶ Jogos de clarificação de valores ou «Barómetro de atitudes».
- ▶ Utilização de questionários.
- ▶ *Role-play* ou dramatização.
- ▶ Produção de cartazes.
- ▶ Visita externa.
- ▶ Caixa de perguntas.
- ▶ Fichas.
- ▶ Exploração de vídeos e outros meios audiovisuais.

No âmbito da formação é importante experimentar cada uma destas técnicas de modo a levar o formador a reflectir acerca das suas próprias dificuldades e tentar ultrapassá-las.

O desenho de projecto

As actividades de educação sexual, à semelhança de quaisquer outras actividades de uma qualquer organização, não devem ser feitas de forma avulsa e desorganizada.

A metodologia de projecto aqui preconizada potencia o desenho de projectos de promoção da abordagem da sexualidade no contexto da formação profissional tendo em conta, designadamente:

- ▶ os contextos dos centros de formação profissional;
- ▶ os diversos grupos específicos de formandos.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
Conhecer as técnicas em educação sexual.	As metodologias activas e participativas.	Roteiro de Actividades 4.	6 horas
Identificar temas de educação sexual.	Técnicas em educação sexual.	Sistematização de técnicas pedagógicas.	
Listar as etapas de um projecto.	Apresentação de áreas/temas de educação sexual.	Brainstorming.	
Desenhar um projecto de educação sexual.	Passos de um projecto.	Ficha de Trabalho 2 – Desenho de um projecto.	
	Projecto de educação sexual.	Documento de Apoio 7: «O projecto de educação sexual».	

UNIDADE V – PROJECTOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Esta unidade será desenvolvida com recurso à metodologia de projecto, configurando um espaço de trabalho de campo destinado à concepção, desenvolvimento e avaliação de projectos em educação sexual.

No decurso desta unidade, os formandos terão a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos nas unidades anteriores, designadamente sobre os métodos e técnicas a utilizar na concepção de projectos de educação sexual, a promover no contexto da actividade formativa.

O trabalho de campo terá uma duração de 18 horas, sendo 6 horas destinadas à realização de actividades, no âmbito da educação sexual, com jovens e/ou adultos que frequentem acções de formação profissional.

No decurso desta unidade (destinada à concepção, desenvolvimento e avaliação de projectos em educação sexual) os formandos beneficiarão de apoio e supervisão do formador/tutor.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
Apoiar a elaboração dos projectos de educação sexual a serem realizados em contexto de formação profissional.	Componentes do desenho de projecto. Temáticas específicas das actividades projectadas.	Apoio individualizado aos formandos ou grupos de formandos, podendo ser seguida uma metodologia de oficina.	18 horas

UNIDADE VI – AVALIAÇÃO DOS PROJECTOS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Nesta unidade, com a duração de 12 horas, os formandos regressam à sala de formação depois de terem concebido e implementado um conjunto de projectos e/ou programas de educação sexual com grupos de jovens e adultos em contexto de formação profissional, a fim de se proceder à sua apresentação e avaliação.

Pretende-se que este seja um momento em que as dúvidas, as emoções vividas, possam ser relatadas, partilhadas e discutidas. Isto significa que todos os formandos deverão ser convidados a verbalizar as dificuldades sentidas, as boas práticas experienciadas, os aspectos a melhorar ou a desenvolver e respectiva auto-avaliação.

Esta unidade considera-se concluída com o preenchimento do Questionário de Avaliação (Ficha de Trabalho 4) e respectiva Avaliação Quantitativa, através da discussão oral sobre a adequação dos projectos apresentados em plenário.

OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS FORMATIVAS	DURAÇÃO
<p>Aperfeiçoar a capacidade de desenho de projectos de educação sexual.</p> <p>Aumentar a segurança na abordagem de temas específicos em educação sexual.</p> <p>Compreender as dificuldades inerentes ao estabelecimento destes programas e compreender estratégias possíveis para as superar.</p>	<p>Apresentação dos projectos dos formandos.</p> <p>Identificação de elementos facilitadores e de dificuldades.</p> <p>Construção de estratégias de promoção da educação sexual em contexto da formação profissional.</p> <p>Temas específicos a serem identificados pelos formandos.</p>	<p>Roteiro de Actividades 5.</p> <p>Feira de projectos e apresentação dos projectos pelos formandos.</p> <p>Ficha de Trabalho 3 «Levantamento de necessidades».</p> <p>Trabalhos em pequenos grupos com partilha em plenário.</p> <p>Disponibilização de recursos documentais em temas de educação sexual específicos.</p> <p>Ficha de Trabalho 4. Questionário de Avaliação Final.</p>	<p>12 horas</p>



4. METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO

Pretendemos abranger os três domínios do conhecimento: *Saber-Ser*, *Saber-Fazer* e *Saber-Estar*, contribuindo para o desenvolvimento, nos formadores, de capacidades de autonomia, iniciativa, auto-aprendizagem, trabalho em equipa, gestão de informação, transferência de saberes e resolução de problemas. Por outro lado, esta acção pretende estabelecer uma ligação directa entre a formação em sala e a formação no terreno de maneira a envolver desde logo os formandos na realização de acções e programas de educação sexual de forma acompanhada, reforçando assim a segurança dos formandos.

A metodologia a usar terá, pois, de combinar componentes expositivas com técnicas que permitam a reflexão, partilha e discussão de ideias, treino de situações, desenho e implementação de projectos e também a partilha de experiências de educação sexual com jovens e adultos no decurso das acções de formação. Demonstrações directas ou indirectas, pesquisa e tratamento de informação, exercícios práticos e exploração de materiais pedagógicos são alguns dos exemplos de recursos a utilizar.



5. PLANIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO

A formação tem uma duração total de 60 horas e encontra-se organizada em três períodos:

- ▶ um primeiro período de 30 horas de formação em sala;
- ▶ um segundo período de 18 horas, distribuídas por 6 semanas (estimativa de 3 horas/semana), para a concepção, desenvolvimento e avaliação de projectos em formato de «oficina» nos diversos centros de formação;
- ▶ um terceiro período de 12 horas de formação em sala para apresentação e avaliação dos respectivos projectos.

	1.º dia	2.º dia	3.º dia	4.º dia	5.º dia	
Manhã	Unidade I Apresentação. A sexualidade humana: conceitos, dimensão e evolução ao longo da vida.	Unidade II Valores e atitudes face à sexualidade. Quadro ético e deontológico.	Unidade III Saúde sexual e reprodutiva: conceito, aspectos médicos (<i>continuação</i>).	Unidade III Saúde sexual e reprodutiva: conceito, aspectos médicos (<i>continuação</i>).	Unidade IV Educação sexual: conteúdos temáticos e metodologia de intervenção (<i>continuação</i>).	Unidade V Acompanhamento dos projectos.
Tarde	Unidade I A sexualidade humana: conceitos, dimensão e evolução ao longo da vida.	Unidade II Educação sexual: conceitos, modelos e aspectos éticos e legais.	Unidade III Saúde sexual e reprodutiva: conceito, aspectos médicos (<i>continuação</i>).	Unidade III Saúde sexual e reprodutiva: conceito, aspectos médicos (<i>continuação</i>).	Unidade IV Educação sexual: conteúdos temáticos e metodologia de intervenção (<i>continuação</i>).	

6 SEMANAS DE INTERVALO

	6.º dia	7.º dia
Manhã	Unidade VI Implementação acompanhada de projectos de educação sexual e avaliação da acção.	Unidade VI Implementação acompanhada de projectos de educação sexual e avaliação da acção (<i>continuação</i>).
Tarde	Unidade VI Implementação acompanhada de projectos de educação sexual e avaliação da acção (<i>continuação</i>).	Unidade VI Implementação acompanhada de projectos de educação sexual e avaliação da acção (<i>continuação</i>).



6. AVALIAÇÃO

Avaliação qualitativa mediante a qualidade da adequação dos projectos constantes na Unidade V, bem como da qualidade da própria apresentação dos mesmos projectos.

Avaliação quantitativa dos projectos apresentados pelos formandos através da aplicação da Ficha de Trabalho 4.

Avaliação quantitativa da acção através de um questionário de escolha múltipla para avaliação da satisfação dos formandos face à qualidade do desempenho dos formadores, das condições de funcionamento da acção, a adequação do programa da acção e o nível de alcance dos objectivos definidos (Ficha de Trabalho 5).

Para cada um dos seis parâmetros gerais, o formador utilizará uma escala de 1 a 5, sendo que 1 significa muito insuficiente e 5 significa muito bom. A classificação final (CF) será calculada através da média aritmética simples destas classificações, ou seja:

$$CF = \frac{(A + B + C + D + E + F)}{6}$$



7. BIBLIOGRAFIA

Sanders, Pete e Liz Swinden (1995). *Para me Conhecer, Para te Conhecer... Estratégias de Educação Sexual para o 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: APF – Associação para o Planeamento da Família.

Frade, Alice, António Manuel Marques, Alverca, Célia, Duarte Vilar (2001). *Educação Sexual na Escola – Guia para Professores, Formadores e Educadores*. Texto, 4.ª edição.

Marques, António Manuel, Fátima Forreta, Duarte Vilar (2002). *Educação Sexual no 1.º Ciclo – Um Guia para Professores e Formadores*. Texto.

Marques, António Manuel, Fátima Forreta, Duarte Vilar (2002). *Os Afectos e a Sexualidade na Educação Sexual Pré-Escolar – Um Guia para Educadores e Formadores*. Texto.

Machado Vaz, Júlio, Duarte Vilar, Susana Cardoso (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ministério da Educação (CCPES), Ministério da Saúde (DGS), Associação para o Planeamento da Família (APF) (Outubro de 2000). *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*.

Nodin, Nuno (2001). *Os Jovens Portugueses e a Sexualidade em Finais do Século XX*. Lisboa: APF – Associação para o Planeamento da Família.

López, Félix e Antonio Fuertes (1999). *Para Compreender a Sexualidade*. Lisboa: APF – Associação para o Planeamento da Família.

Santos, Ana Cristina, Clara Ogando e Helena Camacho (2001). *Adolescendo – Educação da Sexualidade na Escola. Da Teoria à Prática*. Plátano (Didáctica).

Pereira, M. Manuela e Filomena Freitas. *Educação Sexual – Contextos de Sexualidade e Adolescência Teoria/Prática (Guias práticos)*. Edições ASA.

The Clarity Collective; ill. By Alison Lester (1986). *Taught not Caught: strategies for sex education*. s.n.: LDA Learning Development Aids (imp.).

Félix, Ivone e António Manuel Marques (1995). *E nós... Somos Diferentes?: Sexualidade e Educação Sexual na Deficiência Mental*. Lisboa: APF – Associação para o Planeamento da Família.

Vilar, Duarte (2002). *Falar Disso: A Educação Sexual na Família dos Adolescentes*. Porto: Afrontamento.

WHO – World Health Organization (2002). Draft Working definition.

WHO – World Health Organization (1994). Programme of Action.

Alguns sites de referência:

<http://www.apf.pt>

<http://www.sexualidades.pt>

<http://juventude.gov.pt>

<http://www.ippf.org>

<http://www.who.org>

<http://www.min->

[saude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/saude+escolar/educacaoosexual.htm](http://www.min-saude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/saude+escolar/educacaoosexual.htm)

<http://www.siecus.org/>

<http://www.phac-aspc.gc.ca>

<http://www.sexojovenonline.com/> (*site direccionado para os jovens*)

<http://www.harimaguada.org/joomla/>



ROTEIRO
DE ACTIVIDADES

ROTEIRO DE ACTIVIDADES 1

Apresentação e expectativas

No primeiro dia de formação o formador fará a sua apresentação e a respectiva apresentação da temática na formação profissional de jovens.

Para uma dinâmica inicial o formador deverá propor alguns jogos de quebra-gelo para que todos os elementos se conheçam e realçar a importância, sobretudo nesta temática, de se tratarem pelo nome.

A sala deve estar disposta com as cadeiras em semicírculo, sem secretárias, de forma a facilitar as várias dinâmicas propostas ao longo das 30 horas de formação.

Relativamente ao levantamento de necessidades, o formador deve auscultar cada um dos formandos e promover que todos expressem as suas expectativas face ao curso. Para o efeito, pode sugerir que numa folha, de forma anónima, completem a seguinte frase: «Eu neste curso espero...» De seguida, dobram a folha e colocam-na dentro de um envelope que o formador irá recolher. No momento seguinte, o formador agita o envelope para misturar as folhas e cada formando retira uma. O formando deve ler a folha assumindo-se autor daquela frase, como se fosse a sua expectativa face ao curso e justifica-a: «Porque penso que...» No momento em que cada um se pronuncia não deve haver comentários dos colegas. O formador, em jeito de conclusão, poderá listar as expectativas no quadro.

Conceito de sexualidade

Após a apresentação formador-formandos, o moderador escreve a palavra «sexualidade» no quadro e pede aos participantes que, livremente, digam palavras que associem à sexualidade. Não há palavras certas ou erradas. O moderador regista-as e solicita ao grupo: «Que outras palavras vêm à ideia a partir da palavra sexualidade?» Uma vez concluído o fluxo de ideias, dá-se início à reflexão em plenário.

► Tipo de reflexão /discussão em plenário

O moderador inicia o debate pedindo ao grupo vários contributos:

- se acham que se esgotaram ali todas as palavras;
- que palavras se podem associar entre si;
- se há ligação entre elas;
- etc...

O moderador poderá explorar as várias relações encontradas assim como as diferentes expressões da sexualidade e as suas manifestações. No final, procurará fazer uma síntese de modo a integrar as ideias num conceito de sexualidade com as suas vertentes biológicas, psico-afectiva e sociocultural.

Os formandos poderão elaborar, por hipótese, um cartaz com imagens, recortes de revistas, fotografias, desenhos ligados à sexualidade.

O moderador apresenta o conceito de sexualidade da **Organização Mundial da Saúde** (Documento de Apoio 1).

A evolução da sexualidade ao longo do ciclo de vida

De seguida, formam-se quatro subgrupos e pede-se que cada um refira formas de manifestação sexual/características da sexualidade para cada uma das seguintes faixas etárias. Os formandos têm aproximadamente 30 minutos para registarem as conclusões numa folha de acetato.

- A sexualidade na adolescência (até aos 20 anos).
- A sexualidade na primeira fase da vida adulta (entre os 20 e os 30 anos).
- A sexualidade entre os 30 e os 40 anos.
- A sexualidade depois dos 40 anos.

Numa segunda fase, apresentam-se e debatem-se em plenário as conclusões dos trabalhos.

O formador apresenta e sistematiza ao grupo as características da sexualidade para cada uma das faixas etárias.

Para a dinamização do jogo **O Carrocel, temos:**

1.ª fase: os participantes são convidados a escreverem de forma anónima, numa pequena folha de papel, uma pergunta que imaginam que um jovem ou adulto colocaria e que fosse embaraçoso responder ou que já lhes tenha sido feita e lhes tenha criado dificuldades quanto à maneira de responder.

2.ª fase: o animador/formador recolhe as questões devidamente dobradas e coloca-as num envelope ou saco de pano.

3.ª fase: formam-se dois grupos com um número par de participantes, de 6 a 8 pessoas por grupo.

As cadeiras são dispostas em dois círculos:

- um interior com os assentos virados para fora;
- outro exterior com os assentos virados para dentro;

4.ª fase: os elementos do círculo exterior são convidados a sair da sala e recebem instruções do formador: este grupo retira uma das questões recolhidas e vai colocar-se no papel de **jovens e adultos** com determinadas dificuldades; os elementos do círculo interior são **profissionais/técnicos** que vão tentar dar resposta às questões colocadas pelo grupo que representa os jovens.

Os **jovens e adultos** entram na sala e sentam-se frente aos **técnicos**. Logo que estejam todos sentados frente a frente, inicia-se o jogo.

O formador dá apenas dois a três minutos para este diálogo. Passado esse tempo, o moderador faz um sinal («bate as palmas») e os **jovens e adultos** levantam-se e sentam-se na cadeira à sua direita, no sentido dos ponteiros do relógio. Todos se movimentam em simultâneo. A seguir, repetem a mesma

pergunta a um novo **técnico**. O moderador volta a fazer sinal para trocarem de posição. Este processo repete-se sucessivamente até que cada elemento do conjunto exterior faça a sua pergunta e receba uma resposta de cada um dos elementos sentados no conjunto interior.

5.ª fase: seguidamente, trocam-se as posições dos dois grupos e as pessoas que estiveram a responder passam a fazer perguntas, e vice-versa, com o mesmo procedimento.

6.ª fase: todos os participantes sentam-se em círculo. O animador convida cada um a falar das dificuldades que sentiu nas respostas que deu e nas ajudas que recebeu, tendo a mesma questão sido respondida por vários **técnicos**.

A partir desta análise será possível identificar estratégias adequadas para as perguntas que tenham gerado maiores dificuldades, desenvolver competências específicas (desempenhar um papel de técnico e de jovem, neste caso, pôr-se no lugar do outro...), além de esclarecer dúvidas sobre alguns conteúdos.

ROTEIRO DE ACTIVIDADES 2

Distribuir a cada formando o Questionário Situações de Educação Sexual (**Ficha de Trabalho 1**).

Num primeiro momento, os formandos devem responder individualmente e apontar quais as razões que os levam a dizer sim e quais as razões que os levam a dizer não. De seguida, formam-se 4 ou 5 subgrupos e pede-se-lhes para relerem as situações e arranjam consenso de grupo, ou seja, se disseram sim ou não e quais as razões que apontam num sentido ou noutro. O formador circula pelos grupos para tentar perceber como estão a desmontar as situações.

Depois desta fase, distribuem-se acetatos e canetas para cada grupo encontrar uma definição, por exemplo um esquema que traduza o que é a **educação sexual**. Elege-se um porta-voz que irá apresentar a conclusão do trabalho através de acetato projectando-o com o retroprojector. Em simultâneo, faz-se referência a uma ou a outra situação do questionário que tenha levantado maior discussão e desmonta-se em grupo o que se entende por educação sexual. O formador sistematiza o conceito projectando a respectiva definição de educação sexual.

Valores e atitudes face à sexualidade

Apresentação de um **Barómetro de Atitudes** – Jogo de clarificação de valores.

Este jogo permite promover o debate entre posições morais diferentes (podendo ou não chegar-se a consenso) através da utilização de pequenas frases que sejam opinativas e polémicas como, por exemplo: «Amor e sexo devem andar sempre juntos», «Homossexualidade é um comportamento aceitável», «A educação sexual deve ficar a cargo dos pais», «O relacionamento sexual na adolescência implica mais riscos do que na vida adulta», etc... Para um debate de uma hora apresentar um máximo de quatro frases.

O moderador afixará em cinco pontos da parede da sala cinco folhas de papel com as seguintes frases: «Concordo totalmente», «Concordo», «Discordo», «Discordo totalmente», «Não estou seguro». Em seguida, solicita a todos os participantes que se levantem e se posicionem de acordo com aquilo que pensam e defendem à medida que cada frase é anunciada.

No momento seguinte, cada participante dirá a sua opinião e as razões que o fazem situar-se daquela forma. O formador vai sobretudo moderar este debate convidando os formandos a exprimirem a sua forma de pensar aquele tema.

O que está em causa nesta dinâmica é realçar que, de facto, vivemos numa sociedade plural e diversa e que existem várias formas de pensar o mesmo tema e ninguém é melhor ou pior por pensar A ou B; é sim diferente e como tal deve ser respeitado.

O exercício será completado com a apresentação e discussão de uma proposta de quadro ético, bem como das regras deontológicas no desempenho da actividade de formador em educação sexual.

O formador retoma o conceito de educação sexual e apresenta sumariamente os vários modelos de educação sexual, bem como os objectivos da educação sexual (Documento de Apoio 4) no domínio dos conhecimentos, dos valores e atitudes e ao nível do desenvolvimento de competências.

Finalmente, o formador distribui cópias da legislação portuguesa face à educação sexual – Lei 3/84, Lei 120/99 e Decreto-Lei 259/2000 – e apresenta os principais recursos existentes em termos de educação sexual e saúde sexual e reprodutiva: instituições que trabalham neste campo, linhas de ajuda e centros de recursos.

ROTEIRO DE ACTIVIDADES 3

O formador apresenta uma definição do conceito de saúde sexual e reprodutiva (SSR) da Organização Mundial de Saúde e inicia-se um debate sobre as situações/problemas mais frequentes em termos de SSR (homossexualidade, virgindade, gravidez precoce, orientação sexual, comunicação e sexualidade, gravidez não desejada, etc...). O passo seguinte é propor que, dois a dois, discutam problemas que encontram no contexto da SSR dos jovens em contexto de formação profissional.

Depois passam ao debate quatro a quatro e solicita-se que elejam situações e que ponderem estratégias de construção de resposta a esses problemas. Por fim, em plenário, apresentam as propostas encontradas.

Outro tema a focar nesta unidade é os métodos contraceptivos. O formador desafia o grupo para um *brainstorming* sobre os métodos contraceptivos que conhece. Após o registo das palavras, o formador deve organizar grupos para trabalharem os vários métodos (hormonais, naturais, químicos, cirúrgicos, intra-uterino e de barreira). Cada grupo reúne durante 30 minutos e para cada método contraceptivo responde às seguintes questões: O que são? Quais as vantagens do método? Quais são as desvantagens?

Relativamente aos **métodos hormonais**, o grupo deve abordar as pílulas, monofásicas e trifásicas, a contracepção hormonal injectável e a contracepção de emergência. Também devem referir os novos métodos hormonais como o anel vaginal, o implante subcutâneo, o adesivo contraceptivo (EVRA) e os sistemas intra-uterinos (SIU).

Relativamente aos **métodos de abstinência periódica**, o grupo deve abordar o método do calendário, o método do muco cervical e o método das temperaturas.

Relativamente aos **métodos químicos**, devem abordar os vários tipos de espermicidas (creme, gel, cones e espuma) existentes no mercado.

Relativamente aos **métodos cirúrgicos**, referir a vasectomia e a laqueação das trompas.

O grupo do **método intra-uterino** deve explorar o dispositivo intra-uterino (DIU) e o grupo dos **métodos de barreira** desenvolve o tema do preservativo masculino e feminino (FEMIDOM), o diafragma e a esponja contraceptiva.

No momento seguinte os grupos apresentam os trabalhos recorrendo à «mala contraceptiva» e o formador deve sugerir em simultâneo o manuseamento de todos os métodos existentes e outros acessórios (termómetro, teste gravidez, pensos...).

Para sistematizar este tema, o formador propõe o visionamento do vídeo **Métodos Contraceptivos**, da Associação para o Planeamento da Família, com uma duração de 20 minutos.

A abordagem das infeções sexualmente transmissíveis (IST) é outro dos temas desta unidade. O formador deve interrogar os formandos sobre as IST que conhecem, quais os agentes que as provocam e as formas de contágio.

Neste capítulo podem ser apresentadas algumas frases e questionar se se trata de um **mito** ou de um **facto**. Por exemplo:

- ▶ «As IST apresentam sempre sintomas».
- ▶ «Os testes para despistagem de uma IST são dolorosos».
- ▶ «A sífilis é uma doença contagiosa».
- ▶ «As IST podem ser tratadas com remédios caseiros».
- ▶ «As IST podem ser causadas por masturbação, sanitários públicos ou comidas apimentadas».
- ▶ «Os homens que ejaculam prematuramente têm menos hipótese de contrair uma IST».
- ▶ «As IST só aparecem nas camadas mais pobres da população».

De seguida realiza-se uma nova exposição, desta vez sobre outros problemas de saúde sexual e reprodutiva.

Por último, e no seguimento de uma exposição sobre as dificuldades no relacionamento e desempenho sexual, abordam-se quatro situações-tipo utilizando-se um *role-play* em que são debatidas estratégias de resposta e identificadas eventuais necessidades de encaminhamento para outros técnicos.

ROTEIRO DE ACTIVIDADES 4

Numa dinâmica inicial, o formador sistematiza as técnicas utilizadas em educação sexual que foram usadas até ao momento e questiona outras que se podem igualmente utilizar. Este é também o momento para experimentarem alguma técnica que suscite maior dificuldade.

Após este exercício, o formador propõe um *brainstorming* e solicita ao grupo que refira temas em educação sexual passíveis de serem abordados em sala. De seguida tenta agrupá-los por áreas e respectivos temas.

Em pequenos grupos, por exemplo de quatro elementos, sugere-se que preparem actividades para cada um dos temas que possam vir a ser trabalhadas com os jovens em sala. Deve dar-se aos grupos o tempo suficiente para elaborarem o exercício. No momento final, os grupos apresentam o resultado desta reflexão.

O formador deve apresentar as fases para a elaboração de um projecto e, individualmente ou em pequenos grupos, devem fazer um esboço de um projecto no âmbito da educação sexual na formação profissional.

Finda esta unidade, importa ensaiar no terreno uma actividade no âmbito da educação sexual, quer seja uma reunião inicial com a equipa do projecto, quer seja a dinamização de uma actividade com formandos sobre um determinado tema ou, mesmo, a organização de uma actividade lúdica como uma tertúlia sobre um tema na área da educação sexual.

O mais importante nesta fase é experimentar *in loco* uma determinada etapa de um projecto e no próximo dia trazer o *feedback* deste ensaio, fazer face às dificuldades sentidas e encontrar formas de melhorar o desempenho dos técnicos.



ROTEIRO DE ACTIVIDADES 5

Após seis semanas, aproximadamente, de interregno, o formador deve começar com uma dinâmica inicial de quebra-gelo, recordar os nomes de todos os formandos e pedir um *feedback* do que experimentaram no terreno.

Depois de auscultar que tipo de actividades/projecto desenvolveram, o formador deve registá-las no quadro em termos de tema/etapa do projecto foi trabalhado/quais os destinatários/que actividade.

No momento seguinte deve privilegiar-se o relato das experiências no terreno, as dificuldades sentidas e quais os aspectos que devem ser mais trabalhados. A partir daqui esboçam-se, para as próximas horas de formação, exercícios que visem melhorar uma proposta de intervenção sobre educação sexual.

Neste último dia de formação as atenções estão voltadas para a apresentação dos vários projectos sobre educação sexual e é chegado o momento de fechar um ciclo de formação que se iniciou há quase dois meses.

Os formandos devem sentir-se o mais confortáveis possível, pelo que o formador deve proporcionar um ambiente tranquilo entre os formandos criando um verdadeiro espírito de equipa e de partilha.

Em jeito de conclusão, o formador sugere uma avaliação da formação quantitativa e qualitativa (Ficha de Trabalho 5).



FICHAS
DE TRABALHO

FICHA DE TRABALHO 1

Questionário de Educação Sexual

1. Um professor de uma turma de rapazes e de raparigas acabou de utilizar na aula um retroprojector.
Pede então que se ofereça um rapaz com força para o ajudar a transportar o material de projecção.

É ou não uma situação de educação sexual e porquê?

2. Durante uma aula sobre anatomia humana um/a professor/a, para explicar os músculos do braço, recorre a um esquema do corpo humano inteiro e tapa deliberadamente os órgãos sexuais.

É ou não uma situação de educação sexual e porquê?

3. Numa consulta médica, uma mulher com cerca de 50 anos refere-se à dificuldade, ou mesmo dor, aquando das relações sexuais coitais porque, na sua opinião, depois da menopausa «parece que ficou seca».
O médico responde-lhe: «Oh filha! Isso também já não são coisas para a sua idade!...»

É ou não uma situação de educação sexual e porquê?

4. Numa vulgar consulta ao médico de família, depois de já ter sido abordada a «queixa» do utente e quase a despropósito, este diz: «De há um tempo para cá já não me sinto o mesmo homem nas relações com as mulheres.»

O técnico levanta-se automaticamente e despede-se com um aperto de mão.

É ou não uma situação de educação sexual e porquê?

5. Numa aula sobre qualquer assunto, um aluno pergunta: «*Ó stora*, viu ontem aquele filme em que se via quase tudo?»

A professora responde: «Vi. Se quiseres, podemos falar nisso num dos intervalos, ou então se a turma estiver interessada podemos todos falar sobre o assunto.»

É ou não uma situação de educação sexual e porquê?

FICHA DE TRABALHO 2

Desenho de Um Projecto

Cada uma das questões abaixo apresentadas deve ser devidamente considerada por forma a identificar as várias necessidades dos destinatários.

Assim, propomos que se respondam às seguintes questões:

O quê?

Nome, título/definição do tema.

Para quem?

Destinatários/caracterização.

Porquê?

Identificação do grupo de problemas/razão da intervenção/justificação/fundamentação.

Para quê?

Objectivos gerais/objectivos específicos.

Como?

Metodologias: estratégias, actividades, conteúdos.

Com quê?

Recursos materiais, humanos, financeiros (disponíveis e a conseguir).

Quem faz?

Equipa responsável: coordenação.

Onde?

Espaço/caracterização sociocultural da rede envolvente/parcerias.

Quanto tempo?

Duração do projecto/cronograma/planificação.

Avaliação do projecto

Identificação de itens/avaliação qualitativa? Quantitativa?



FICHA DE TRABALHO 3

Levantamento de Necessidades

A sexualidade assume características únicas de indivíduo para indivíduo, que têm que ver com os contextos históricos e sociais em que vive, com o sexo a que pertence, com a fase do ciclo de vida em que se encontra e com a sua história específica de vida. Cada indivíduo tem, pois, diferentes necessidades em educação sexual.

Embora os diferentes estádios de desenvolvimento pessoal possam servir para identificar determinadas características gerais da evolução da sexualidade e, portanto, determinadas necessidades gerais de educação sexual, cada grupo de formandos é diferente e tem, também por isso, necessidades específicas de educação sexual.

Uma estratégia habitual para fazer este levantamento de necessidades é a constituição de uma «**Caixa de Perguntas**», ou seja, um recipiente onde os jovens colocam de forma anónima as perguntas que querem ver respondidas ou abordadas num programa de educação sexual.

A utilização destas perguntas tem de ser feita de forma adequada e, numa lógica participativa, deve-se evitar que o formador responda pergunta a pergunta. Podem, por exemplo, ser identificados determinados temas que resultam do agrupamento de perguntas semelhantes ou do mesmo tema. Neste caso, a sessão será desenvolvida abordando os diferentes temas e assegurando que nenhuma das perguntas ficou por responder. Outras vezes, se as perguntas forem poucas, poder-se-á usar cada uma devolvendo-a ao grupo, tentando perceber o que os jovens já sabem sobre ela e complementando as suas respostas com outras informações pertinentes.

Se as perguntas forem de tipo moral, deverão ser usadas no sentido de fomentar um debate entre diferentes posicionamentos, procurando zonas de consenso e zonas de desacordo.

FICHA DE TRABALHO 4

Questionário de Avaliação

Solicitamos a sua colaboração, através do preenchimento desta ficha, tendo em vista a procura de aperfeiçoamento para as próximas acções.

Local da Acção _____ Data ____ / ____ / ____

1. Globalmente as minhas expectativas para a acção foram satisfeitas.

5 _____ 4 _____ 3 _____ 2 _____ 1
concordo concordo indeciso discordo discordo
plenamente plenamente

2. Considero que os vários aspectos tratados serão úteis para a minha prática pedagógica no domínio da educação sexual.

5 _____ 4 _____ 3 _____ 2 _____ 1
concordo concordo indeciso discordo discordo
plenamente plenamente

3. Achei mais importante: (ordene, por preferência, de 1-5/6)

- A «nova» relação que estabeleci com os colegas.
- O aprofundamento de conhecimentos.
- A troca de experiências.
- A aquisição de novos conhecimentos.
- A forma como a acção foi conduzida (metodologias, conteúdos, programa...)
- Outro/a.

4. Que temas, no âmbito da educação sexual, gostaria de ver abordados em próximas acções?

5. Sugestões/propostas que considero importante referir para a melhoria destas acções.

6. Projectos/actividades que tenciono desenvolver no âmbito da educação sexual.

Muito obrigada.

FICHA DE TRABALHO 5

Questionário de Avaliação Final

Nome do participante _____

Data de realização ____ / ____ / ____

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO	OS ASPECTOS A CONSIDERAR NA AVALIAÇÃO	OBSERVAÇÕES / ORIENTAÇÕES
A. Contexto e justificação do projecto	<ul style="list-style-type: none"> – Descrição dos problemas e necessidades – profundidade 	
B. Objectivos gerais e específicos	<ul style="list-style-type: none"> – Adequação – Grau de especificidade e mensurabilidade 	
C. Descrição das actividades do projecto	<ul style="list-style-type: none"> – Adequação – Variedade – Originalidade – Amplitude 	
D. Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> – Adequação – Especificidade – Instrumentos de colheita de dados 	
E. Recursos necessários	<ul style="list-style-type: none"> – Adequação 	
F. Outros aspectos gerais	<ul style="list-style-type: none"> – Originalidade – Apresentação – Coerência – Clareza 	

Nível global de desempenho na formação:

Classificação



O (A) Formador(a)

O (A) Coordenador(a)

Nota: Para cada um dos 6 parâmetros gerais o avaliador utilizará uma escala de 1 a 5, sendo que 1 significa muito insuficiente e 5 significa muito bom. A classificação final será calculada através da média aritmética simples destas classificações, ou seja $(A+B+C+D+E+F):6$.

The image features a stylized folder icon on a solid yellow background. The folder is a darker shade of yellow and has a tab on the left side. Inside the folder is a white document with a folded top-left corner. The text "DOCUMENTOS DE APOIO" is printed in white on the document.

DOCUMENTOS
DE APOIO

Conceito e Dimensões da Sexualidade Humana

Conceito de sexualidade

Para a Organização Mundial de Saúde, «a sexualidade é uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura, prazer e intimidade; ela integra-se no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e por isso influencia também a nossa saúde física e mental».

Ao reflectirem sobre a sexualidade, os formandos poderão alargar o seu próprio conceito de sexualidade que, com frequência, está reduzida à sua dimensão biológica.

Podemos reconhecer fundamentalmente três dimensões da sexualidade humana:

► Biológica

O nosso corpo é sexuado nas suas estruturas e funções; os nossos desejos e comportamentos sexuais dependem, entre outros factores, das nossas hormonas sexuais, da idade, da nossa figura corporal e do nosso estado físico geral.

Do ponto de vista biológico, o fim primordial da sexualidade é a reprodução da espécie. Na espécie humana o prazer sexual não está necessariamente associado à reprodução.

► Psico-afectiva

Todo o nosso psiquismo, toda a nossa organização social e a nossa cultura são sexuados. Desde o nosso nascimento são-nos atribuídos *um nome, roupas, brinquedos e actividades sexuados*.

Todas as sociedades e culturas atribuem actividades específicas ao homem e à mulher embora o façam, por vezes, de forma muito distinta. Estas atribuições não se baseiam, em geral, em diferenças biológicas, mas sim, na maior parte dos casos, em formas de funcionamento social que cristalizaram ao longo da história, embora na sua origem as diferenças biológicas tenham desempenhado um papel decisivo.

A sexualidade é uma forma de manifestar ternura, afecto, carinho, ou seja, é uma forma de comunicação.

► Sociocultural

Cada cultura e sociedade regula de forma distinta os comportamentos sexuais através dos costumes, da moral e das leis civis. As diferenças são, em certos casos, tão surpreendentes e claras que é impossível falar de um código universal de valores morais ou sociais sobre a sexualidade.

«A sexualidade vivida satisfatoriamente torna mais fácil a compreensão dos outros, a eliminação da rigidez e o moralismo. É também uma fonte de equilíbrio para a pessoa. É, em definitivo, uma fonte de amor à vida, de atitude positiva em relação a si mesmo, aos outros e às coisas.» (Félix López e António Fuertes, 1989).

Deste conceito multifacetado decorre que quando falamos em educação sexual estamos a falar da abordagem das várias componentes da sexualidade e não somente da sua dimensão biológica e reprodutiva.

Esta unidade pretende aprofundar os conhecimentos dos formandos sobre as características da sexualidade ao longo da vida.

A sexualidade é uma dimensão da condição humana, desde o nascimento até à morte. Ela integra, como já foi dito, a nossa biologia, a construção da nossa

identidade como homens ou mulheres, os nossos sentimentos, as nossas relações e a nossa intimidade. A sexualidade é um objecto da nossa aprendizagem e sobre elas construímos crenças e atitudes. É, finalmente, um campo dos nossos comportamentos, nomeadamente dos nossos comportamentos íntimos, expressando-se em orientações sexuais diversas.

A seguir são descritas as características das diversas fases da evolução da sexualidade ao longo da vida.

De seguida iremos reflectir sobre as características da sexualidade até à fase tardia da adolescência (início da vida adulta), tema que será aprofundado nesta unidade.

Características da sexualidade do nascimento até aos 2 anos

- ▶ A primeira fonte de prazer corporal encontra-se na região oral – a boca.
- ▶ Com a gradual aquisição da marcha, coordenação motora, a criança lança-se à descoberta do corpo e dos prazeres que este lhe proporciona.
- ▶ As relações entre o bebé e os adultos que lhe estão próximos (as figuras de apego, com as quais se operam os processos de vinculação), o bom desenvolvimento depende da qualidade dos vínculos, que por sua vez mediatizam a sexualidade ao longo da vida. A teoria da vinculação de Bowlby ajuda a compreender a nossa capacidade futura de estabelecer relações de boa qualidade afectiva através de padrões de vinculações seguros, o que significa um bom nível de auto-estima e um grau adequado de confiança nos outros.

Ao generalizar estas experiências, as crianças vão, posteriormente, utilizá-las em outras relações sociais, nomeadamente naquelas que implicam afectos e formas de comunicação íntimas como o namoro, as relações sexuais e a amizade.

Principais características da sexualidade nesta idade:

- ▶ Importância das figuras de apego nos processos de vinculação.
- ▶ Actividades rítmicas de satisfação oral (mamar, chupar no dedo).
- ▶ Reconhecimento dos papéis sexuais, estabelecendo a diferença dos papéis atribuídos a um e a outro sexo.

Características da sexualidade dos 2 aos 6 anos

Terminado o processo de controlo dos esfíncteres, a criança tem concluída a fase de reconhecimento do seu corpo. As aquisições motoras e linguísticas estão asseguradas. O objectivo agora é conhecer o ambiente.

No campo da sexualidade, há um interesse por conhecer o corpo e o corpo do outro. Na descoberta do corpo adquirem especial relevância as actividades de manipulação dos genitais, as quais, no entanto, assumem um carácter temporário.

A fase de descoberta do corpo do outro inclui a curiosidade pelo corpo da mãe e do pai e pelas diferenças anatómicas entre os dois sexos.

Por outro lado, a criança vai distinguir a sua identidade sexual definindo-se como «menino» ou «menina» e incorporando de forma mais ou menos crítica os estereótipos associados a esses conceitos.

Características da sexualidade dos 6 aos 12 anos

A criança já conhece o seu corpo e do outro. Na idade escolar a criança desenvolve os jogos sexuais infantis, que correspondem a brincadeiras para a exploração do corpo e das sensações proporcionadas a si e ao outro. A criança experimenta o que é proibido e as suas consequências.

Os jogos de conteúdo sexual revestem-se de grande importância no processo de desenvolvimento da criança pois favorecem o desenvolvimento cognitivo, permitem pôr em prática os papéis sexuais e possibilitam o manejo dos conflitos e ansiedades.

- ▶ Período de transformações corporais lentas.
- ▶ Explora o corpo e potencialidades.
- ▶ Inicia a selecção de amizades.
- ▶ Constitui grupos do mesmo sexo.
- ▶ Mantém-se curiosa em relação às diferenças anatómicas, à gravidez, parto e sexualidade dos pais ou dos adultos em geral.
- ▶ Utiliza palavras relativas à sexualidade mesmo sem lhes conhecer o sentido.
- ▶ Depende das normas e modelos dos adultos significativos mas torna-se afectivamente menos dependente da família.
- ▶ Inicia o processo de interiorização da moral sexual.

Na pré-adolescência, é frequente os jovens constituírem grupos monossexuais – só de rapazes ou só de raparigas – continuando a cultivar uma intensa curiosidade geral sobre a sexualidade, sem que essa curiosidade se expresse em dúvidas de carácter marcadamente pessoal, ou seja, sobre problemas pessoais ou aspectos relacionados com a sua intimidade.

Características da sexualidade na adolescência

Nesta etapa produz-se um conjunto de alterações biofisiológicas, psicológicas, intelectuais e sociais que fazem com que o adolescente olhe para si próprio e para tudo que o rodeia de uma forma diferente.

A adolescência é um conceito relativamente recente. Ainda no século xx era frequente na nossa cultura considerar-se que se passava de criança a adulto logo que acabava a escolaridade básica (4 anos) e as crianças entravam no mercado de trabalho ou nas tarefas domésticas.

Considera-se, em geral, que a adolescência é o período entre a fase de criança e a fase de adulto, um período de fortes mudanças corporais – que terminam na constituição de um corpo adulto – e de fortes mudanças relacionais em que se passa da condição de dependência da criança e à autonomia do adulto através da construção de uma identidade própria e da aprendizagem das normas que regulam a vida em sociedade.

Deste modo, existem duas grandes áreas que caracterizam o desenvolvimento na adolescência:

A procura de identidade

- ▶ Há a necessidade de responder à questão filosófica de quem são e qual o seu sentido na vida.
- ▶ Para ajudar na sua organização surge uma procura de modelos exteriores com os quais se identificam e que tentam seguir como ideais. (Onde vão procurar formas de vestir, de agir, de pensar a sociedade, etc.)
- ▶ Procura de um grupo de pertença, de modo a sentir-se integrado e protegido.

A procura de limites

- ▶ Procuram saber até que ponto podem ir, principalmente no que diz respeito às relações e às emoções. (Daqui se pode tirar as experiências com substâncias, com o risco e a adrenalina, relações amorosas muito fortes, experiências sexuais, etc.)
- ▶ A contestação de regras é fundamental para que possam ser integradas e inovadas.

No processo da adolescência é fundamental a procura e a contestação dos mais velhos, já que está associada à separação dos adultos que até agora os protegeram como crianças. No entanto, a presença do adulto é fundamental

quer para confirmar a sua identidade quer para marcar os limites. Contudo, é fundamental não esquecer que associado à autonomização está o medo natural de crescer que trás dúvidas quanto à sua verdadeira capacidade de se tornar um adulto feliz.

Na fase tardia da adolescência as mudanças pubertárias estão completas, existindo agora um corpo adulto em desenvolvimento. De referir que os processos de desenvolvimento entram numa fase de consolidação, dando origem a sistemas de atitudes, valores e sentimentos mais estáveis. Nesta fase, os jovens são mais capazes e autónomos para tomar decisões em relação à sua vida em geral – profissional, académica, familiar ou cívica – e à sua sexualidade em particular. Os relacionamentos amorosos são agora mais duradouros e vão integrar progressivamente a experiência de relações sexuais, embora esta experiência não se estenda a todos os jovens e, segundo os estudos existentes, sejam mais expressivas nos rapazes do que nas raparigas. Está também consolidada a orientação do desejo, existindo uma consciência clara em cada jovem da sua orientação heterossexual, homossexual ou bissexual.

Principais características da sexualidade na adolescência

- ◆ Maturação sexual (crescimento e mudanças corporais) – o novo corpo sexuado e a imagem corporal.
- ◆ Orientação do desejo na fase tardia da adolescência – heterossexual, homossexual ou bissexual.
- ◆ Necessidade de obter satisfação sexual através da masturbação e das relações sexuais.

Nesta etapa produz-se um conjunto de alterações biofisiológicas, psicológicas, intelectuais e sociais que fazem com que o adolescente olhe para si próprio e para tudo que o rodeia de uma forma diferente.

A sexualidade da primeira fase da vida adulta (18-25 anos)

Nesta fase de vida, as transformações corporais da adolescência estão completas e o que de novo acontece situa-se agora no plano relacional e comportamental. De facto, nesta fase iniciam-se ou fortalecem-se os relacionamentos amorosos e alguns deles dão origem às primeiras experiências de vida conjugal, através de processos de co-habitação com alguma duração, de uniões de facto ou de casamentos. No entanto, dada a ausência de condições económicas, laborais e habitacionais estáveis, que dificultam os processos de autonomia dos jovens portugueses, as experiências mais frequentes são os relacionamentos amorosos duradouros sem co-habitação ou a existência de relações amorosas e sexuais não duradouras, especialmente no caso dos jovens homens adultos.

Sejam quais forem os contextos relacionais, os comportamentos e relacionamentos de carácter sexual são agora muito mais frequentes do que na adolescência e, por isso, são também mais frequentes os problemas de saúde sexual e reprodutiva, nomeadamente:

- ▶ Os comportamentos de risco em matéria contraceptiva (não uso ou uso inconsistente da contraceção).
- ▶ A ocorrência de gravidezes não desejadas e o recurso ao aborto.
- ▶ A ocorrência de infecções sexualmente transmitidas.
- ▶ A ocorrência de problemas relacionados com o desempenho sexual masculino e feminino.

A maternidade/paternidade desejadas são também acontecimentos frequentes e, por isso, há todo um conjunto de problemas especificamente relacionados com a preparação e acompanhamento da gravidez e do parto.

A diversidade moral e a necessidade de um quadro ético e deontológico

A sexualidade como um campo da vida pessoal e social que tem sido e continua a estar sujeito a regras éticas.

Dado que na sociedade contemporânea (e em todas as épocas) existe uma grande diversidade de valores em relação às diversas componentes e temas da sexualidade humana, é importante referir os seguintes aspectos. É pois essencial reconhecer que, mesmo nas questões mais técnicas, é impossível um discurso sobre a sexualidade sem valores.

Necessidade de um quadro ético claro quando se trata de definir políticas educativas e práticas profissionais (dos professores), nomeadamente no campo da sexualidade, sob o risco do «vale tudo moral» baseado nos direitos humanos e no conhecimento científico disponível sobre as diversas dimensões da sexualidade humana.

Este quadro ético deve ser:

- ◆ Claro.
- ◆ Possibilitador das escolhas individuais (não às receitas de vida).
- ◆ Gerador de bem-estar físico e psicológico do indivíduo.
- ◆ Gerador de relações saudáveis e gratificantes.
- ◆ Gerador de responsabilidade e autonomia.
- ◆ Respeitador do pluralismo moral contemporâneo.
- ◆ Aberto à mudança.

Perante diversas posições morais, o formador deve promover o debate, identificar pontos em comum e divergências, favorecendo o diálogo e aceitação mútua num contexto de cidadania.

Relativamente aos valores orientadores da educação sexual, retomamos os que constam nas «Linhas Orientadoras da Educação Sexual em Meio Escolar» (ME, 2000):

- ◆ O reconhecimento de que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual.

- ▶ O reconhecimento de que a sexualidade é uma fonte de prazer e comunicação, uma potencial fonte de vida e uma componente positiva de realização pessoal e das relações interpessoais.
- ▶ A valorização das diferentes expressões da sexualidade ao longo do ciclo de vida.
- ▶ O reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afectivo e amoroso na vivência da sexualidade.
- ▶ A promoção de direitos e oportunidades entre homens e mulheres.
- ▶ A recusa de expressões da sexualidade que envolvam violência ou coacção, ou envolvam relações pessoais de dominação e de exploração.
- ▶ O respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro, nomeadamente os seus valores, orientação sexual e características físicas.
- ▶ O reconhecimento do direito a uma maternidade e paternidade livres, conscientes e responsáveis.
- ▶ A promoção da saúde dos indivíduos e dos casais nas esferas sexual e reprodutiva.

O conceito de educação sexual é mais ou menos contemporâneo do nascimento do estudo científico da sexualidade – a sexologia. A educação sexual já é reconhecida como uma necessidade das crianças e dos jovens por Freud no início do século xx e pela Liga Mundial para a Reforma Sexual nas décadas de 20 e 30 do mesmo século. Nessa altura a educação sexual era encarada como uma prática que contrariava o puritanismo e o tabu com que as sociedades ocidentais tratavam a sexualidade, promovendo uma alargada ignorância sobre aspectos básicos da vida sexual.

A epidemia de doenças de transmissão sexual no final da Primeira Guerra Mundial e o desenvolvimento de movimentos de promoção dos métodos contraceptivos foram dois outros factores que vieram dar força aos que defendiam a necessidade de práticas regulares de educação sexual nas escolas e na comunidade.

Na segunda metade do século xx a educação sexual foi gradualmente incorporada na agenda do desenvolvimento da psicologia e da pedagogia e em algumas abordagens de tipo filosófico.

A emergência da SIDA nos anos 80 veio definitivamente situar a educação sexual como uma componente das políticas públicas na área da Saúde, da Educação e da Juventude.

López (1990) considera quatro modelos principais de educação sexual:

- ▶ Um modelo **médico preventivo**, centrado na necessidade de prevenir riscos – gravidez não desejada, SIDA e outras IST – de características fortemente médicas e baseado sobretudo na transmissão de informação.
- ▶ Um **modelo moral**, ligado a concepções de tipo religioso, centrado na necessidade de orientar moralmente os jovens no que se relaciona com a sexualidade, procurando adiar o início das relações sexuais para depois do casamento.
- ▶ Um **modelo liberal impositivo** que procura combater as ideias conservadoras propondo como alternativa ideais e propostas de libertação sexual, num contexto mais vasto de reforma social.
- ▶ E, finalmente, um **modelo biográfico** que, baseando-se numa perspectiva humanista e científica, procura dar resposta às necessidades das crianças e dos jovens em matéria de educação e informação sexual, incorporando a prevenção dos riscos num contexto mais amplo de trabalho de valores e de atitudes e de promoção do debate entre as diferentes perspectivas morais existentes.

Este último modelo é, actualmente, o modelo mais seguido pelas principais agências de educação e saúde e na formação de profissionais envolvidos na educação sexual, com o qual os autores deste referencial igualmente se identificam.

A educação sexual é aqui entendida como:

- ▶ Um processo através do qual a pessoa se desenvolve como ser sexuado e sexual, mediante um conjunto de acções estruturadas e formais (a educação sexual explícita) e, simultaneamente, um conjunto de acções não estruturadas e informais (a educação sexual implícita).
- ▶ Um processo que se faz ao longo da vida, não a partir do momento em que se inicia a actividade sexual, e adquirida em diferentes contextos (familiar, educativo, amigos, *media...*).

Considera-se como grande objectivo da **educação sexual contribuir** – ainda que parcialmente – para uma vivência mais informada, mais gratificante, mais autónoma e mais responsável da sexualidade.

Especificamente em relação à esfera dos **conhecimentos**, a educação sexual pode contribuir para um maior e melhor conhecimento dos factos e componentes que integram a vivência da sexualidade, nomeadamente:

- ▶ As várias dimensões da sexualidade.
- ▶ A diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida e das características individuais.
- ▶ Os mecanismos da resposta sexual, da reprodução, da contraceção e da prática de sexo seguro.
- ▶ As ideias e valores com que as diversas sociedades foram encarando a sexualidade, o amor, a reprodução e as relações entre os sexos ao longo da história e nas diferentes culturas.
- ▶ Os problemas de saúde e as formas de prevenção ligados à expressão da sexualidade, em particular a gravidez não desejada, as infecções de transmissão sexual, os abusos e a violência sexuais.
- ▶ Os direitos, a legislação, os apoios e os recursos disponíveis na prevenção, acompanhamento e tratamento destes problemas.

Um segundo conjunto de objectivos relaciona-se com as **atitudes**, referindo-se especificamente à possibilidade de a educação sexual contribuir para:

- ▶ Uma aceitação positiva e confortável do corpo sexuado, do prazer e da afectividade.
- ▶ Uma atitude não sexista.
- ▶ Uma atitude não discriminatória face às diferentes expressões e orientações sexuais.
- ▶ Uma atitude preventiva face à doença e promotora do bem-estar e da saúde.

Um terceiro conjunto de objectivos situa-se no domínio das **competências individuais**, nomeadamente:

- ▶ No desenvolvimento das competências para tomar decisões responsáveis.

- ▶ No desenvolvimento das competências para recusar comportamentos não desejados ou que violem a dignidade e os direitos pessoais.
- ▶ No desenvolvimento das competências de comunicação.
- ▶ Na aquisição e utilização de um vocabulário adequado.
- ▶ Na utilização, quando necessário, de meios seguros e eficazes de contraceção e de prevenção do contágio de infeções sexualmente transmissíveis.
- ▶ No desenvolvimento das competências para pedir ajuda e saber recorrer a apoios quando necessário.

DOCUMENTO DE APOIO 3

Educação Sexual: conceitos

«A Sexualidade é uma forma de viver a ternura, a comunicação, os afectos, o prazer, a reprodução e os vínculos afectivos.

É muito ampla:

- ▶ Afecta todo o nosso corpo.
- ▶ É uma dimensão psicológica e social muito importante.
- ▶ É uma realidade em todas as idades da vida.

Envolve todo um mundo de possibilidades para obter prazer, ter filhos, sentir desejo, emoções e afecto em relação aos outros (amar e ser amado).

Encontra todo o seu sentido se unida a sentimentos positivos e a vínculos afectivos como o enamoramento, que dão sentido à vida e às nossas relações.»

Félix López Sanchez, *Educacion Sexual de adolescentes y Jóvenes*

Processo através do qual a pessoa se desenvolve como ser sexuado e sexual:
Através de acções:

- ▶ Estruturadas e Formais – **Educação Sexual Intencional, Explícita (planeada).**
- ▶ Não Estruturadas e Informais – **Educação Sexual Implícita.**

É um processo que se faz ao longo da vida e não a partir do momento em que se inicia a actividade sexual. Adquire-se em diferentes contextos – familiar, educativo, amigos, *media*, etc. De acordo com a situação, de forma **negativa** ou **positiva**.

Félix López e António Fuertes, 1989

Modelos de Educação Sexual

Modelo Biográfico ou de Desenvolvimento Pessoal e Social

Este modelo procura integrar as componentes de natureza biológica com outras de tipo psicossocial tendo surgido na Suécia nos anos 50 e sido adoptado por diversos países europeus.

Apresenta uma atitude liberal aberta, aceitando a sexualidade como uma fonte potencial de vida, de prazer e de comunicação, e tolera a sexualidade dos outros aceitando os desejos, fantasias e sensações sexuais como algo natural.

O modelo defende o respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro, nomeadamente as suas características físicas, os seus valores, a sua orientação sexual, promovendo a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, recusando expressões da sexualidade que envolvam violência ou exploração.

O modelo considera que a autonomia, o espírito crítico, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes e comportamentos responsáveis no relacionamento sexual.

Este modelo é humanista porque o seu quadro ético baseia-se nos valores consensuais das sociedades modernas, nomeadamente os inscritos nas convenções e declarações internacionais de direitos humanos e na própria Constituição da República. Neste sentido, é uma componente essencial da formação cívica das crianças e dos jovens.

É democrático porque reconhece a pluralidade de posições morais existentes em matérias de natureza sexual e reprodutiva e não procura impor os valores de um determinado grupo. Pelo contrário, este modelo de educação sexual procura fomentar o debate moral entre posições diferentes no sentido de apoiar as crianças e jovens no seu crescimento moral como pessoas e cidadãos.

Este modelo é aquele que defendemos nas acções que dinamizamos quer com jovens, quer com técnicos de educação ou técnicos de saúde.

Modelos Impositivos

Estes modelos têm como base razões de ordem religiosa ou ideológica. Transmitem atitudes de interdição, de dependência e conservadoras. Apontam normas rígidas, em binómios: normal/anormal, saudável/patológico... são modelos morais. A sexualidade é associada intimamente ao corpo, às suas partes baixas e sujas, chegando a ser considerada como um mal da natureza. Por isso deve ser escondida e controlada, já que é a maior fonte de perigo. A actividade sexual apenas tem sentido se tiver lugar dentro do casamento e com fins reprodutivos.

Modelos de Ruptura Impositivos

Este modelo substitui a antiga moral por uma nova «moral». Uma série de valores *progressistas* foram adquiridos por uma via impositiva e sem atitude crítica. As atitudes subjacentes a este modelo são liberais, individualistas e impositivas.

Modelos Médico-Preventivos ou Biológicos

São usualmente desenvolvidos por profissionais ligados à saúde e foram os primeiros a ser seguidos pelos primeiros programas de educação sexual implementados. Dá relevância aos aspectos técnico-fisiológicos excluindo as componentes relacionais e emocionais da sexualidade. Reforça a ideia de associar a sexualidade ao perigo e está centrado na prevenção dos riscos.

Félix López Sánchez e Angel Oroz Torres, 2001

A Educação Sexual e a Lei¹

1984

O documento legal sobre a educação sexual nas escolas é a Lei 3/84 (*DR* n.º 71, Série I, de 24-03-1984). Nesta, o Estado garante o direito à educação sexual como componente do direito fundamental à educação e ao Planeamento Familiar. Neste ano é publicada a primeira lei que enquadra a educação sexual em meio escolar.

1986

Em 1986 foi aprovada a **Lei de Bases do Sistema Educativo** (Lei 46/86 – *DR* n.º 237, Série I, de 14-10-1986) que, no n.º 2 do seu artigo 47.º, inclui também a educação sexual, situando-a numa nova área educativa – a formação pessoal e social – sendo esta definida como uma área transversal e não somente disciplinar.

Anos Lectivos 1995/96 e 1997/98

Projecto Experimental – **Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas** Desenvolvido pelo PES – Programa de Promoção e Educação para a Saúde e pela Associação para o Planeamento da Família, com o apoio da Direcção-Geral da Saúde.

- ▶ Experiência articulada e avaliada protagonizada por cinco escolas (Faro, Gouveia, Maia, Setúbal e Évora) de todos os níveis de ensino em Portugal. Em resultado desta iniciativa é publicado um documento com as ***Orientações Técnicas sobre Educação Sexual*** em meio escolar com contributos das equipas do projecto.

¹ *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*
www.apf.pt/educacao/memorando

- ▶ As actividades e as estratégias descritas nesse documento reflectem a experiência das cinco escolas envolvidas no projecto devendo, por isso, ser entendidas como sugestões, sem qualquer carácter normativo.
- ▶ Com efeito, terá de ser cada escola a definir um caminho próprio de forma a garantir a inclusão da educação sexual no seu projecto educativo.

1998

Realiza-se em Junho o referendo sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

- ▶ Em finais de 1998 é aprovado em Conselho de Ministros o **Relatório Interministerial para a Elaboração de um Plano de Acção em Educação Sexual e Planeamento Familiar** publicado pela Direcção-Geral da Saúde.
- ▶ Este Relatório veio consubstanciar algumas medidas consignadas na Lei 3/84 e o ano 2003 é apontado pelo **Plano** como meta a alcançar para a concretização da educação sexual nas escolas portuguesas.

Ano Lectivo 1999/2000

O quadro legal e normativo existente legitima a existência da educação sexual como componente da educação, incentiva o seu desenvolvimento, atribui ao Estado e ao sistema educativo em geral, e às escolas em particular, responsabilidades e deveres a este nível.

De acordo com o **Plano Interministerial**, a educação sexual esteve a ser dinamizada de forma organizada pelo Centro de Apoio Nacional nos estabelecimentos de ensino pertencentes à Rede Nacional das Escolas Promotoras da Saúde (RNEPS). O apoio pode ser facultado pelas equipas de apoio local dos Centros de Área Educativa.

A **Lei 120/99** (DR n.º 186, Série I-A, de 11-08-1999) diz-nos, em termos gerais, que em todos os estabelecimentos de ensino básico e secundário a educação sexual será abordada numa perspectiva interdisciplinar.

A aplicação das medidas previstas nesta Lei é da competência dos estabelecimentos de ensino e de saúde, quer através de intervenções específicas quer desenvolvendo acções conjuntas, em associação ou parceria.

A regulamentação desta Lei surge um ano e três meses depois com a publicação do Decreto-Lei 259/2000 (*DR*n.º 240, Série I-A, de 17-10-2000) que, mais uma vez, consagra as medidas de promoção da educação sexual, da saúde reprodutiva e da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, bem como relativas à efectivação da interrupção voluntária da gravidez nos casos em que esta é legalmente admissível.

A regulamentação agora aprovada sublinha que a educação sexual deve estar explícita no projecto educativo da escola.

2000

É celebrado um protocolo de cooperação entre o Ministério da Educação e a Associação para o Planeamento da Família que traduz uma articulação entre as várias delegações regionais da APF no continente e as escolas públicas do país, no sentido de as apoiar nesta matéria.

2003

São celebrados outros protocolos com outras ONG, nomeadamente com o Movimento de Defesa da Vida e com a Fundação Portuguesa Comunidade Contra a SIDA.

2005

É formado um Grupo de Trabalho para a Educação Sexual, composto por Daniel Sampaio, Margarida Gaspar de Matos, Miguel Oliveira da Silva e Maria Isabel Baptista.

<http://www.dgidc.min-edu.pt/EducacaoSexual/default.asp>



DOCUMENTO DE APOIO 6

Conceito de Saúde Sexual e Reprodutiva

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a **saúde sexual** como «um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado com a sexualidade e não apenas a ausência de doença. A saúde sexual requer uma atitude positiva face à sexualidade e ao relacionamento sexual bem como à possibilidade de ter prazer e experiências sexuais seguras livres de coerção, discriminação e violência. Para a saúde sexual ser atingida e mantida os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e realizados». (WHO, 2002).

A **saúde reprodutiva** «implica que as pessoas sejam capazes de ter uma vida sexual responsável, satisfatória e segura e que dê a capacidade de se reproduzirem com a liberdade para decidirem se o fazem, quando e com que frequência. Implícito a isto está o direito de homens e mulheres estarem informados e terem acesso a métodos de regulação da fertilidade, que estes sejam eficazes, de custo razoável para poderem escolher, assim como serviços de saúde que permitam que homens e mulheres vivam a gravidez e o parto de forma segura e se ofereça aos casais a melhor oportunidade de terem filhos saudáveis». (WHO, 2002).

A mala contraceptiva

Nesta mala contraceptiva devem existir os seguintes métodos:

- ▶ Pílulas (monofásicas e trifásicas).
- ▶ Contraceção de emergência.
- ▶ Preservativos (masculinos e femininos).
- ▶ Dispositivo intra-uterino (de cobre e hormonais).
- ▶ Anel contraceptivo.
- ▶ Implante subcutâneo.
- ▶ Adesivo contraceptivo (sistema transdérmico).
- ▶ Espermicidas (em gel, espuma, cremes e cones vaginais).

- ▶ Diafragma (vários tamanhos).
- ▶ Esponja contraceptiva.
- ▶ Modelo anatómico de pénis.
- ▶ Termómetro digital.
- ▶ Calendários.
- ▶ Testes de gravidez.
- ▶ Teste da ovulação.
- ▶ Pensos higiénicos com e sem abas/tampões com e sem aplicador.
- ▶ Lubrificantes à base de água.

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)

Em geral as IST são transmitidas por organismos (vírus, bactérias, fungos, etc.) e só podem viver em condições encontradas dentro do corpo humano, nomeadamente na região dos genitais.

Com frequência surgem mitos associados ao contágio das doenças e, nesta fase, a formação em sala deve procurar desmontá-los. De facto, é comum reduzirem-se as IST à SIDA e com o aumento do número de casos de algumas doenças no nosso país, nomeadamente a sífilis, torna-se essencial fazer uma abordagem sobre todas elas.

Doenças

- ▶ Gonorreia, causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*.
- ▶ Sífilis, causada pela bactéria *Treponema pallidum*.
- ▶ Uretrite e vulvovaginite cujo agente é igualmente uma bactéria – *Chlamydia trachomatis*.
- ▶ Herpes genital – Vírus *Hominis*.
- ▶ Condiloma acuminado ou verrugas venéreas – causada pelo vírus HPV (papilloma vírus).

- ▶ Hepatite B – vários tipos de vírus.
- ▶ SIDA – causada pelo agente VIH (vírus).
- ▶ Candidíase – *candida Albicans* (fungo).
- ▶ Tricomoníase – *Trichomona vaginalis* (protozoário).
- ▶ Pediculose púbica (chatos) – *Phtirius pubis* (artrópode).

Os sinais e sintomas mais comuns nas IST são comichão, ardor ao urinar, feridas dolorosas, corrimento amarelado ou purulento e febre. De salientar que as doenças acima descritas nem sempre apresentam sintomas e existem mesmo homens e mulheres assintomáticos.

O projecto de educação sexual

A equipa do projecto

Um projecto pressupõe, em primeiro lugar, a intenção de desenvolver uma dada acção, motivada pela percepção de problemas e necessidades.

Esta intenção manifesta-se, desde logo, na organização de uma equipa que será responsável por essa acção e que poderá ser constituída por alguns formadores e outros técnicos do centro de formação.

A identificação de problemas e necessidades

Um projecto visa responder aos problemas de uma determinada instituição ou grupo-alvo, neste caso concreto na área da educação sexual e saúde sexual e reprodutiva dos jovens em formação profissional. Exemplo: existiram diversas situações de gravidez não desejadas ou pressupõe-se que os formandos têm comportamentos de risco nestas matérias. Por outro lado, sabe-se que os formadores não desenvolvem acções de educação sexual porque sentem que não têm formação.

Embora a intenção do projecto assente já numa dada consciência da existência de um ou mais problemas, é necessário um aprofundamento dos problemas existentes.

As discussões de grupo, ou grupos focais, a organização de caixas de perguntas (Ficha de Trabalho 3) ou de pequenos questionários permitem um conhecimento mais rigoroso dos problemas.

Por último, as necessidades devem ser encaradas como respostas possíveis aos problemas. Por exemplo: face aos problemas atrás descritos há necessidade de desenvolver acções de educação sexual com os jovens e, por isso, há também

necessidade de formar os formadores do centro e desenvolver uma parceria com o centro de saúde da área.

Objectivos gerais e específicos

A intenção geral de um projecto no sentido de uma mudança pretendida constitui o seu objectivo geral. Por exemplo: promover a saúde sexual e reprodutiva dos jovens em formação profissional.

A concretização deste objectivo geral em objectivos mais concretos e mesuráveis são os objectivos específicos do projecto.

Exemplo:

- ▶ Desenvolver os conhecimentos dos jovens sobre os métodos contraceptivos.
- ▶ Desenvolver o conhecimento, entre os jovens, dos locais onde, se precisarem, podem obter contraceptivos.

Ou:

- ▶ Envolver pelo menos um formador de cada turma na realização de acções de educação sexual.

No caso das acções de educação sexual, os objectivos podem ser traçados, à semelhança de outras actividades, em termos de aumentos de conhecimentos ou aquisição de determinadas competências ou mudanças comportamentais.

A avaliação

A avaliação decorre dos objectivos ou intenções de mudança de um projecto e pressupõe que, desde logo, sejam identificadas estratégias através das quais se possa comparar o «antes» e o «depois» da acção. Por exemplo, realizar um questionário aos jovens antes do programa e depois do programa.

Por outro lado, a avaliação deve também permitir saber o grau de satisfação dos destinatários do programa ou projecto. Neste contexto, será necessário desde logo construir instrumentos que permitam conhecer a satisfação dos formandos em cada acção realizada.

O programa ou mapa de actividades

As actividades do projecto deverão ser pensadas como meios para atingir cada um dos objectivos específicos do projecto e devem ser organizadas por objectivo.

Elas deverão ser organizadas no tempo (Ficha de Trabalho 2) e por cada acção devem ser identificados os responsáveis, os recursos necessários e os *outputs* ou produtos concretos esperados.

No caso dos programas de educação sexual, a primeira coisa a fazer é, mediante o tempo disponível, propor e negociar com o grupo de formandos o conjunto de temas a abordar.

Para cada um dos temas deverão ser então definidos os objectivos pedagógicos, as estratégias ou metodologias educativas que irão ser usadas, os recursos educativos necessários e as formas de avaliar os formandos e a acção pelos formandos.

Em síntese:

- ▶ Constituição da equipa.
- ▶ Diagnóstico de problemas e necessidades.
- ▶ Desenho do projecto.
- ▶ Apresentação do projecto ao centro e eventual negociação do mesmo.
- ▶ Implementação e avaliação das actividades do projecto.

Levantamento de necessidades

Este documento contém um levantamento de questões formuladas por jovens que, em Novembro de 2006, frequentavam acções de formação profissional nos Centros do IEFP I.P., e realizadas como uma das actividades decorrentes da acção-piloto de formação de formadores, promovida pelo CNQF, sobre esta temática.

A listagem destas questões, transcritas *ipsis-verbis*, são um exemplo das necessidades dos jovens em matéria de sexualidade podendo funcionar como pistas para a acção dos formadores. Contudo, sempre que se pretenda desenvolver actividades de formação no âmbito desta temática é desejável que seja efectuado um diagnóstico centrado no grupo.

- ◆ *Quando uma rapariga faz sexo pela primeira vez e não deita sangue isso é normal?*
- ◆ *Para que serve a pílula?*
- ◆ *Quais são os sintomas de uma gravidez?*
- ◆ *A gravidez na adolescência é risco muito grande?*
- ◆ *Numa relação sexual devem usar-se preservativos? Porquê?*
- ◆ *Qual a possibilidade de se obter filhos depois de se ter feito um aborto?*
- ◆ *A sexualidade é um momento de prazer mas também pode ser uma forma de se transmitir doenças. Porquê?*
- ◆ *Quais os sintomas da gravidez?*
- ◆ *Como se coloca os preservativos das mulheres?*
- ◆ *Como se apanha a sida?*
- ◆ *Se fizermos sexo sem precauções que devemos fazer?*
- ◆ *O que é a sexualidade?*
- ◆ *O que é um orgasmo?*
- ◆ *Quais as medidas a tomar quando fazemos relações e engravidamos?*
- ◆ *Que tipos de apoios existem para os jovens sobre o tema e dúvidas da sexualidade?*
- ◆ *O que é o sexo oral?*

- ▶ *A que ponto a mulher atinge o orgasmo?*
- ▶ *A sida apanha-se por se sentar numa sanita onde se praticaram relações sexuais?*
- ▶ *O que é o sexo?*
- ▶ *Porque é que há mulheres que se desenvolvem mais que outras?*
- ▶ *Porque é que as mulheres quando andam com o período mudam de comportamento?*
- ▶ *Quando é que as adolescentes devem perder a virgindade?*
- ▶ *Porque é que as mulheres têm comportamentos inadequados a cada idade?*
- ▶ *Porque é que há vários tipos de comportamentos?*
- ▶ *Como se deve lidar com os rapazes?*
- ▶ *Onde é que os jovens se devem dirigir quando têm dúvidas em relação à sexualidade?*
- ▶ *Quais os problemas que pode provocar fazendo o aborto várias vezes?*
- ▶ *Porque é que as mulheres têm o período?*
- ▶ *Porquê os homens acordam de manhã com «tesão»?*
- ▶ *Perder a virgindade dói?*
- ▶ *Como é que se sabe se uma pessoa é virgem?*
- ▶ *Onde se situa o ponto «G»?*
- ▶ *Qual o resultado final entre o sexo normal e o sexo tântrico?*
- ▶ *Faz mal engolir esperma?*
- ▶ *O que é um orgasmo vaginal?*
- ▶ *O que é a lubrificação?*
- ▶ *O que é a ejaculação?*
- ▶ *O que é a masturbação?*
- ▶ *Como funciona a pílula do dia seguinte?*
- ▶ *A pílula eficaz é 100% segura?*
- ▶ *Qual é mais seguro, o preservativo masculino ou feminino?*
- ▶ *Como se mete o preservativo?*
- ▶ *Que precauções se podem tomar caso engravide sem querer?*
- ▶ *Será que se tomar a pílula muito cedo um dia mais tarde não vou poder ter filhos?*
- ▶ *Que precauções se devem tomar quando se faz relações sexuais?*

Todos os referenciais produzidos pelo Centro Nacional de Qualificação de Formadores encontram-se disponíveis, para consulta e impressão, na Internet, no sítio do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

www.iefp.pt

Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores/as já editados pelo CNQF:

Gestão da Formação

José Lencastre, José Carlos Felício, Francisco Baptista

Concepção e Produção de Materiais para Auto-Estudo

Teresa Morgado da Silva Salão Lopes

Animação de Grupos em Formação

Rosa Coutinho Cabral

Avaliação das Aprendizagens

Maria Leonor de Almeida Domingues dos Santos, Jorge Manuel Bento Pinto

Para Uma Cidadania Activa: a Igualdade de Homens e Mulheres

Maria do Céu da Cunha Rêgo

Técnicas de Avaliação na Formação

Antonieta Guerreiro Romão, António Augusto Fernandes, José Filipe Rafael

Utilização Pedagógica de Imagens Digitais

César Augusto Pinto Teixeira

Sistemas e Metodologias de Formação Profissional em Portugal • 1960-2003

Maria de Lurdes Vieira

Exploração Pedagógica de Recursos Didácticos – do Audiovisual ao Multimédia

António Manuel Gaspar Volante Nobre

Desenvolvimento de Recursos Formativos para a Internet – *WebQuest*

Carolina Pereira

Métodos e Estratégias de Formação

Margarida Segurado

Utilização do *PowerPoint* para o Desenvolvimento de Produtos Interactivos para a Formação

Luís Eduardo Bernardes Relvas

Da Expressão Dramática à Comunicação

João Cabral e Margarida Rosa Coutinho Lopes Cabral

Princípios e Metodologias de Trabalho com Adultos

Olívia Santos Silva, Ana Margarida Costa, Madalena Dias, Eduardo Meira

Desenvolvimento Curricular

Maria Helena Peralta

Diferenciação Pedagógica na Formação

Jorge Manuel Bento Pinto, José Joaquim Mateus Lopes, Leonor Santos, João Pedro Pereira Brilha

A Gestão do Conflito no Processo Formativo

Ana Margarida Vieira da Veiga Simão
Isabel Maria Pimenta Henriques Freire

Para Uma Cidadania Activa: Aprendizagem Intercultural

Maria João Refachinho Mourão Carreiro, Zita de Sousa Carvalho